

O maior produtor da História do cinema brasileiro deixa um legado histórico de sucessos – com duas indicações ao Oscar – marcados pela celebração da diversidade nacional

Morre Luiz Carlos Barreto, aos 98 anos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

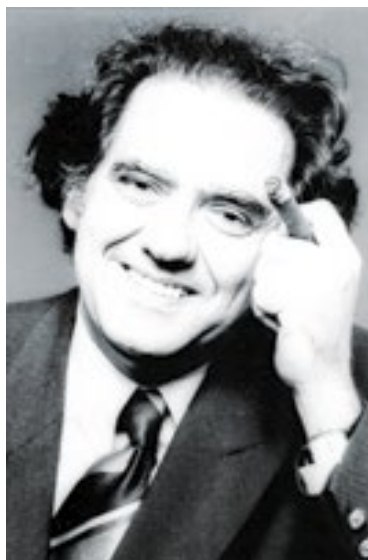
Durante as filmagens de “Lula, O Filho do Brasil” em Pernambuco, em janeiro de 2009, Luiz Carlos Barreto chegou de mansinho perto de uma área onde a imprensa tirava fotos e registrava cenas de bastidor de um set com Gloria Pires, puxou os repórteres para o canto, portando picolés de cajá na mão e disse: “Vocês nunca serão brasileiros de verdade sem provar disso aqui”. Mais tarde, ao fim da diária, quando um forró começou a se fazer ouvir na base da equipe, animando um arrasta-pé, ele, cearense, tirou uma assistente de direção para dançar, delicadamente, e ensinou a todos o requebrar à moda do Ceará. Nesta quarta-feira, o centauro (empresário, de um lado; artista, do outro) a quem o Brasil se referia no aumentativo, ou seja, Barretão, levou seu modo único de forrozar, seu apreço por frutas nordestinas e, sobretudo, sua paixão desvairada pelo cinema para o Infinito. Morreu aos na madrugada, aos 98 anos.

A informação foi confirmada por familiares. Vinha com a saúde debilitada desde março de 2024, quando sofreu uma queda visitando seu estado natal, para uma homenagem. Estava internado desde a última terça-feira. Deixa a companhia de quase sete décadas, a também produtora Lucy Barreto, a filha, Paula, e o filho mais velho, Bruno. Mais do que isso, deixa glórias cinéfilas e, além delas, saudade.

Para além de sua relevância como artífice de produções, estudando meticulosamente o comportamento de nossas plateias, Barreto marcou época como aríete da democracia na liderança de batalhas



Luiz Carlos e Lucy Barreto: união afetiva e profissional de 70 anos



O charuto e o sorriso largo: duas marcas da personalidade cativante de Barretão

contra a hegemonia de Hollywood. É considerado o maior baluarte da política cultural deste país.

A partir de 1950, passa a trabalhar como repórter nos Diários Associados, primeiro na revista “A Cigarra”, e logo em seguida, na revista “O Cruzeiro”. Em pouco tempo, o fotojornalismo virou seu norte profissional, tornando-se um dos baluartes desse ofício do Brasil. Foi correspondente em Paris, onde se formou em Letras pela prestigiada Universidade Sorbonne. Num trabalho para o periódico de Assis Chateaubriand (1892-1968), descobriu a linguagem cinematográfica, registrando as filmagens de “Barravento”, de Glauber Rocha (1939-1981), no início da década



O repórter fotográfico Luiz Carlos Barreto levou seu olhar para a tela grande a partir do Cinema Novo

de 1960. Ali o canto da sereia do cinema autoral brasileiro fispou-o.

Usou os dotes e as manhas do jornalismo para levar reflexões sobre o real para o projeto “Assalto Ao Trem Pagador” (1962), de Roberto Farias (1932-2018), como coautor do roteiro e coprodutor. Na sequência, empregou suas manhas com obturadores para fez a fotografia de “Vidas Secas” (1963), de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018). Revolucionou o estilo fotográfico dos filmes nacionais, sendo aclamado no Festival de Cannes, onde a produção foi concorrer à Palma de Ouro gerando uma polêmica mundial. A controvérsia: teria a produção assassinado de verdade a cachorrinha que interpreta a Baleia na trama, dado o